

Reflexão

A presente contribuição traduz a opinião dos membros do grupo de trabalho face à experiência da sua vivência universitária. Não é organizada de acordo com o guião fornecido, dada a impossibilidade ou maior dificuldade em dar resposta a todas as questões colocadas sobre o futuro da UM.

Alteração no acesso

A qualificação dos alunos à entrada, seja a que se associa à sua classificação de entrada, seja a que se associa à sua motivação são fundamentais para a eficiência e eficácia do processo de ensino-aprendizagem. A fragilidade observada nas competências para o estudo e aprendizagem autónomos constitui um factor crítico.

Sendo certo que o financiamento pelo OE é indexado ao número de alunos, é indispensável que um leque de considerações adicionais seja tido em conta para a fixação do *numerus clausus*.

A compilação de informação sobre a empregabilidade e a sua análise devem ser cuidadosamente desenvolvidas, para evitar o enunciado de conclusões imediatistas, desprovidas de sentido, não sustentadas e, conseqüentemente, prejudiciais para a Universidade e para os estudantes.

Considera-se que deveria haver alguma forma de selecção à entrada, em que os alunos fossem alvo de uma entrevista ou inquérito para avaliar as suas motivações na entrada para a Universidade.

Extinção de Cursos

A procura de formações específicas depende de um leque vasto de condições sociais e económicas. A oferta da Universidade procurará ajustar-se a esta procura, mas deve ter-se presente que a adopção do princípio simplista do encerramento de formações com baixa procura – sem estratégia, nem horizonte - tende, no limite, a eliminar a oferta de todas as formações.

Fusão/reconversão ou extinção de unidades orgânicas de ensino e investigação, subunidades e de serviços?

Numa Universidade que adoptou e mantém um modelo assente numa filosofia matricial as alterações orgânicas, ao nível das unidades orgânicas e das sub-unidades orgânicas,

podendo ser eventualmente convenientes, não são críticas. A correcta e apropriada execução de uma filosofia matricial, baseada nas competências, representa um grau mais elevado de prioridade. Este princípio requer um desenvolvimento equilibrado que vele pela manutenção e valorização das competências sediadas nas sub-unidades e unidades orgânicas, impedindo que o processo resulte de um mero somatório de vontades dispersas não assumidas declaradamente pela instituição. Esta responsabilidade não pode deixar de ser assumida pelo governo das unidades orgânicas, e pela reitoria.

A coerência e consistência da aplicação da filosofia matricial deve ser suficiente para garantir que a instituição tem presente a importância estratégica da consolidação das ciências de base.

O ambiente nos *Campi* da Universidade do Minho

A Universidade, enquanto lugar de trabalho, ensino, investigação, deve ser também uma instituição que permita a formação, sobretudo de jovens, em termos da consciencialização, de comportamentos corretos ao nível da ética e do sentido de responsabilidade, designadamente tentando que aqueles interiorizem que, onde há direitos também há deveres (porventura mais ainda). Sem este conceito primordial, não faz sentido falar em “qualidade” e em “estratégia”. Transmitir conhecimentos sem um sentido ético (válido tanto para quem ensina como para quem aprende) não pode deixar de ser socialmente perigoso e moralmente condenável. Confúcio e Sócrates já o disseram há mais de dois mil anos.

É neste quadro que todos nós, estudantes, funcionários e docentes, temos de tentar erradicar o que se passa todos os dias nos *campi* da Universidade do Minho, relativamente à praxe, que se pratica actualmente, e é absolutamente incompatível com todo este desiderato.

Parece-nos negativo em termos de internacionalização que alunos, docentes, investigadores e conferencistas, oriundos de países, sociedades e culturas variadas assistam a estas demonstrações deprimentes e indignas. A praxe terá de ser limitada no tempo e não se pode permitir que os alunos sejam impedidos de assistir a aulas para serem submetidos a praxes. Isso seria uma verdadeira inovação.

Melhoria /Mudança de forma de ensinar?

O ensino-aprendizagem será sempre um domínio de permanente constatação das dificuldades que têm várias causas, nomeadamente: a dimensão das turmas, o insuficiente interesse e curiosidade dos alunos, o suporte audio-visual insuficiente e a deficiente formação de base evidenciada.

Críticos são o menor empenhamento e a incapacidade dos alunos para desenvolverem uma aprendizagem autónoma. Ocorre como prioritária a maturação da aprendizagem focada em trabalho pessoal, com um maior envolvimento, e com uma pesquisa efectiva para além da consulta passiva de informação na internet.

Docentes.

Uma grande parte dos docentes, nomeadamente em determinados departamentos, sente que tem um peso excessivo de responsabilidades administrativas e de gestão (direcção de Departamento e de Cursos, reuniões frequentes de: Conselho Científico, Conselho Pedagógico, Conselho de Escola, Comissão de Curso ou de Departamento), além de um número excessivo de unidades curriculares de conteúdo distinto. Da parte da instituição poderiam evitar-se pedidos excessivos de relatórios ou informações quando toda a informação, ou a maior parte dela, está disponível *on-line*.

Existe uma sobrecarga de stress sobre os docentes, naturalmente prejudicial para o bom cumprimento das suas funções prioritárias, que são o ensino e a investigação, retirando também tempo necessário à sua formação. Uma grande parte destas tarefas deveria ser assumida por funcionários.

Como corolário disto, também nos parece que os critérios de avaliação dos docentes, das UCs e dos Cursos não é realista, nem razoável, para além de trabalhosa.

Internacionalização

Existe uma incompetência por parte da maioria dos alunos no que respeita à língua materna; deveria haver por parte da instituição uma preocupação em combater este facto e também criar uma sensibilidade acrescida para o ensino de línguas estrangeiras (com prioridade para o inglês), das humanidades e da cultura.

Sobretudo nas áreas das humanidades, a situação é algo inquietante. Ensinam-se línguas estrangeiras, como o russo, o japonês ou o chinês, não tendo a maioria dos alunos capacidade suficiente para fazer pontes com a língua de Camões. Não poderia a

Universidade fazer um esforço no sentido de tentar colmatar esta carência que, como todos sabemos, é importada do ensino pré-universitário?

Será a hora de repensar o papel da formação em línguas e nos saberes no âmbito das humanidades e da cultura.

Interacção com a comunidade

A ligação entre a universidade e a população escolar, através da colaboração dos docentes (por exemplo na escola de Ciências nos cursos de formação inicial de professores), deve ser reforçada. Por isso, tem havido grande empenhamento em formas importantes de interacção, como sejam, a organização de acções de formação, visitas de turmas de alunos dos vários níveis de ensino, Olimpíadas, palestras em escolas, etc. São acções relevantes de valorização e divulgação na área científica. Esta interação permite não só atrair alunos para os cursos do 1º ciclo como também poderá contribuir para que os professores do ensino secundário se valorizem com cursos de formação contínua e/ou acções de formação de curta duração.

Em áreas experimentais, em que o espaço atribuído é já exíguo para a actividade habitual, seria vantajoso manter um espaço próprio afectado permanentemente a experiências preparadas para visitas de alunos. Seja ao nível da unidade orgânica, seja ao nível da reitoria, os departamentos de ciências experimentais deveriam ser alvo de discriminação positiva, nomeadamente no que se refere a afectação de áreas.

Por outro lado, a ligação entre a universidade e a indústria não tem tradição em determinadas áreas da ciência. Neste sentido, deve ser dedicado mais tempo e esforço no estabelecimento desta ligação, para cativar o investimento da indústria na investigação.

2012-01-03

Ana Maria Ferreira Oliveira Campos, Sun Lam, Maria José Feio Mendes Silva Medeiros